



REFLETINDO SOBRE ALGUNS ASPECTOS DA SEGREGAÇÃO/TRANSFORMAÇÕES URBANAS EM CAMPINAS

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

Ao longo dos anos em que venho estudando a cidade de Campinas, tem sido constante minha preocupação em cruzar as diferentes fontes de pesquisa (bibliográficas, documentais - públicas e particulares - iconográficas, orais...) a fim de melhor compreender as transformações havidas ao longo do processo histórico, bem assim melhor perceber as diferentes representações formuladas no âmago da memória individual e coletiva.

Por estar o presente em constante movimento, ao longo da pesquisa estou a cada momento sendo desafiada a construir novos caminhos para então poder percorrer também as marcas da memória.

Estudar a questão da urbanização, centrada na cidade onde vivo desde que nasci, é instigante, sobretudo levando em conta as grandes transformações que a estrutura urbana sofreu a partir dos anos 1950 e que acabaram por deixar as marcas do desaparecimento de um viver altamente qualificado, talvez até inadequado, e que no hodierno se apresenta como uma relação bastante diversa.

Acredito ser a cidade o palco da experiência cotidiana onde a vida das pessoas, seus projetos e vicissitudes transcorrem sobre seu solo sedimentado de memória, história, trabalho, lazer, alegrias e tristezas.

Evidente que tudo isso é decorrente de uma experiência ambivalente que se divide entre o velho e o novo, entre o fausto e a miséria,

o que acaba por tornar a cidade não apenas o pano de fundo da experiência de cada um de seus habitantes, como também o espaço da condição humana e da apropriação por parte dos múltiplos grupos sociais que a compõem, permitindo a toda comunidade um universo a ser vivido e analisado frente à variedade de recortes que propõe.

Assim pensando, procurei neste breve estudo refletir, alguns pontos apenas, de como a urbe campineira sofreu (e) profundas transformações em seu cotidiano, através do tempo, principalmente decorrentes do aumento populacional e dos novos ritmos de circulação onde os espaços públicos foram alvos de intervenções urbanas visando priorizar seu fluxo.

Foi mais sensivelmente a partir da segunda metade do século XIX, com as mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais havidas a nível nacional, que a dinâmica local, através do desenvolvimento urbano, começou a ser alterada, decorrente da riqueza cafeeira que acabou por reestruturar a ocupação do solo urbano e mudar, conseqüentemente, o estilo de vida de seus moradores.

Com o aumento da população livre, além de então ainda contar com a escrava, o surgimento da indústria (entre outras, fábricas de máquinas e implementos agrícolas, chapéus, velas de cera) e a inauguração das estradas de ferro (Paulista, Mogiana, Funilense só para citar algumas delas), foram alguns dos principais aspectos que permitiram aos habitantes maior alcance e uso nos serviços produzidos pela cidade, tudo corroborando para que se tornasse um verdadeiro *pólo regional* (a partir dos anos 1870).

É bom lembrar que até meados do século XX o desenho urbano da cidade não fora ampliado desordenadamente; o crescimento da população era ainda maior no campo. Foi o lucro gerado pelo café que financiou, em maior proporção, a urbanização de Campinas; os fazendeiros puderam, à época, diversificar seus investimentos com essa crescente urbanização, favorecendo, também, a subordinação do poder político ao econômico.

Muito feliz foi o que nos deixou registrado um dos cronistas da cidade - Leopoldo Amaral - ao descrever a *grande família que compreendia a cidade: todos se conheciam, todas as caras que apareciam nas ruas, nas igrejas, nos teatros, nos bailes, eram pertencentes a indivíduos com os quais, pode-se dizer, estavam habituados desde a meninice*¹.

Por muitos anos, em verdade, eu mesma cheguei a vivenciar esses momentos nos tempos de infância/juventude (até meados dos anos 1960), onde as caminhadas cotidianas realizadas com minha mãe e saudosa Tata nos permitiram a identificação e o encontro de grande número de conhecidos que víamos pela cidade, apesar do regramento já existente dos seus espaços e distâncias.

Nos anos 60, a cidade crescia mais em direção Sul/Norte. Suas ruas já não mais possuíam nomes próprios de antigos moradores (era o início da urbanização), uma vez que passaram a ser designadas pela posição que ocupavam em relação à outra, ou seja, a que ficava imediata à segunda, ou acima desta, e assim por diante. Eram os novos ditames seguidos pela já cognominada modernidade. As anteriores designações, então indicativas de um prédio, decorrentes das funções do espaço representados pela rua, evocações prazerosas ou não, vegetação, etc., foram desaparecendo. Vejamos alguns exemplos: rua do Teatro, do Comércio, da Matriz Nova, das Flores, do Camboizal, das Casinhas, Beco do Inferno.

Creio ser importante salientar que a noção primeira que Campinas teve de rua, foi por conta dos *arruadores nomeados pela Câmara* que tiveram a responsabilidade de alinhá-las como também a seus becos, objetivando o ordenamento funcional, econômico, social e estratégico que a sociedade já começava a exigir², onde o acerto do desenho urbano fora tido como indispensável.

(1) AMARAL, Leopoldo. "Campinas", in Francisco Cardona & José Rocha (orgs.). *Almanach de Campinas: Litterario e Estatistico, 1892*. Campinas, Typ. Cardona, 1892, p. 167-168.

(2) CAMPINAS, CAMARA MUNICIPAL. *ARQUIVO, POSTURAS, CAIXA DE PARECERES N°1, Pasta 1829, artº 1º e 3º*.

Assim, a cidade foi sendo concebida, pensada num traçado geometrizado nos seus espaços, mas, sem grandes discriminações sociais de seus moradores.

Todavia, num outro momento, com o crescimento acelerado, seu desenho apresentou fortes alterações, já tendentes a uma certa plasticidade em busca de formas perimetrais, canais de circulação, praças amplas, ditados pela visão modernista do novo viver urbano campineiro, iniciado às proximidades do final do século XIX, onde saneamento e higiene (sobretudo decorrentes das epidemias havidas nesse final de século em Campinas, das quais a febre amarela foi uma das mais significativas), ao lado da paisagem e beleza se consorciaram: era a cidade burguesa se arrumando para o porvir, onde a impessoalidade das relações sociais se ampliava e diversificava.

O *Código de Posturas de 1880* alterou a largura das vias, sendo então previsto que as novas ruas, travessas e avenidas tivessem quinze metros, além de serem evitados os becos. Pela primeira vez no Código apareceu a palavra *avenida*, admitindo, portanto, que no desenho urbano da cidade uma nova concepção de espaço estava sendo implantada.

Assim, até o primeiro quartel do século XX, a ocupação da área correspondente ao antigo *rocio* fora feita sob a interveniência do poder público. Ultrapassado seu limite, o parcelamento dos lotes urbanos foi parar em mãos da iniciativa privada onde o capital imobiliário assumiu o comando, imprimindo forte especulação imobiliária à expansão urbana de Campinas³.

Cresceu o tecido urbano da cidade e os primeiros bairros foram então esboçados: Ponte Preta, Vila Industrial, Guanabara, Bonfim, Taquaral, Cambuí, Vila Marieta..., ocorrendo sua regionalização como decorrência da expansão.

⁽³⁾ Entre vários outros estudos que abordaram esse momento, ver o de CARPINTERO, Antonio Carlos Cabral. *Momento de Ruptura: as transformações no Centro de Campinas na década dos cinqüenta*. Dissertação (mestrado), FAU, USP, 1991, p.3.

O *modernismo* fora característico de boa parte do século XX sendo priorizada a segmentação, especialização e funcionalidade do traçado urbano (calcado na capacidade de produzir circulação motorizada). Dessa maneira, não poderia deixar de lembrar Le Corbusier, quando afirmava que era preciso *matar a rua para transformá-la em máquina de tráfego*⁴.

As modificações urbanas em Campinas interferiram consideravelmente em sua *cultura pública*, vivida há décadas em suas praças, largos, botequins... As alterações na geografia urbana, frente a forte especulação imobiliária, o encarecimento dos aluguéis, a existência de um novo estilo de vida, exigiram o embelezamento, a largueza das vias e novos jardins, além, de espaços condignos para o tráfego, a fim de fazer frente ao novel modelo de urbanização. Com isso, parte de seus antigos e pobres moradores foi transferida para bem longe do centro da cidade, onde, também, as possibilidades de interação social (a partir dos anos 1960) foram marcadas pelas diversidades, aliás, caráter permanentemente intercambiável da modernidade, urbana⁵.

Toda Metrópole (e é o caso de Campinas) conta com um centro tradicional, seu marco histórico, referência para sua memória coletiva, uma vez que nele se observam as necessárias transformações ao longo das décadas que a vão marcando. Se inicialmente na história da cidade seu centro fora conhecido como cidade, ou, em outras palavras, a cidade era o centro, já que local de consumo, comércio e negócios das elites, o progresso o modificou. Assim, foi o caso do Largo da Catedral, do Rosário, das antigas Ruas de Baixo (Luzitana), do Meio (Dr. Quirino) e de Cima (Barão de Jaguará).

Não caberia aqui mencionar, mas, são várias as observações deixadas por viajantes estrangeiros, desde meados do século XIX que

⁽⁴⁾ Apud BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo, Cia das Letras, 1986, p. 159/165.

⁽⁵⁾ É oportuno lembrar que Marx teve uma expressão feliz quando se referiu a esse processo (e que Berman recorreu ao analisar a dinâmica instaurada pelo capitalismo) ao afirmar que *tudo que é sólido desmancha no ar*. Ver: BERMAN, M. op. cit.

passaram por Campinas e escritores outros, principalmente cronistas campineiros, que se referiram ao centro da cidade com certo bucolismo, demonstrando, entre outros aspectos, que o mais seletivo da urbe para lá convergia: local onde os homens da elite se dirigiam para ler e discutir, principalmente jornais franceses, além de serem encontrados estabelecimentos comerciais (muitos também à francesa) que faziam o *chic* da cidade. No entanto, poucos foram os que aludiram a existência já de uma ocupação popular, por sinal, marcada por certa *conflitualidade* (no Largo do Rosário, eram praticamente os negros que mais o freqüentavam aos domingos e feriados; para passear no Jardim Carlos Gomes, os brancos caminhavam em sua parte interna, enquanto os negros só podiam andar em seu exterior).

As camadas sociais populares se concentraram, historicamente, nos chamados bairros operários, proletários, construídos em terras menos valorizadas da cidade, principalmente localizados ao longo das ferrovias: foi o caso, apenas para exemplificar, da Vila Industrial, que desde sua origem foi considerado bairro operário⁶.

Destaco que o afloramento da presença popular na cidade não foi fortuito, pois, desde o final da escravidão, com a necessidade de conseguir mão-de-obra a fim de fazer frente ao crescente desenvolvimento industrial de Campinas (decorrente do capital acumulado com o cultivo/exportação do café, a partir, sobremaneira, das últimas décadas do século XIX), novos contingentes mudaram o quadro social da cidade com a presença de imigrantes, o que também veio aumentar a presença da pobreza no espaço urbano. Posteriormente, tal problemática foi de certa forma controlada pelas *intervenções saneadoras* por parte do poder público, visando segregar tais contingentes humanos em espaços circunscritos, dado ao fato do crescimento da cidade estar voltado prioritariamente para atender as necessidades da burguesia. Dessa forma, as camadas sociais de alta renda ainda se localizavam no centro da cidade, em suntuosos casarões, convivendo, lado a lado, com grupos sociais de

⁶ Sobre o assunto ver: RICCI, Maria Lúcia de Souza Rangel. "Revisitando A Cidade de Campinas Através de Dois de Seus Bairros: Cambuí e Vila Industrial". In: *Anais da XVII Reunião da SBPH*. São Paulo, 1997, p. 307/310.

baixa renda que habitavam em cortiços, pensões de baixo nível e miseráveis casebres.

Notei que o centro tradicional, ocupado pela elite até a primeira década do século XX, gradativamente foi se tornando espaço deteriorado, heterogêneo, popularizado e, decorrentemente, abandonado pelas camadas sociais de maior poder aquisitivo que buscaram outras regiões da cidade para morar (num primeiro momento o bairro do Cambuí e após Nova Campinas, Gramado, Alphaville...).

Mas, o centro da cidade continuava ainda a possuir dimensão significativa, sobretudo no entorno do Largo do Rosário, da Catedral e da Rua Barão de Jaguará, não apenas para o *footing*, comércio, mas, para toda uma vivência boêmia característica dos anos 40/50.

A partir de então, frente ao cosmopolitismo que já se apresentava intenso (contando com a presença cada vez maior de imigrantes italianos, japoneses..., bem assim de migrantes em especial nordestinos e mineiros), o relacionamento desses novos indivíduos frente ao crescer da economia, passou a compor grupos sociais significativos e também a ocupar diferentes espaços públicos da cidade.

Foi ao longo dos anos 1955 que, mais intensamente, entre outros fatores, Campinas passou pela expansão de suas fronteiras, com as novas bases da industrialização, além do crescimento do transporte rodoviário que veio possibilitar melhor locomoção pela cidade, antes restrita, praticamente, à circulação dos bondes⁷.

Enquanto a cidade se expandia atendendo a múltiplos interesses econômicos e com o afastamento significativo de um contingente de sua população para os novos bairros periféricos criados (iniciativa proposta pelos Governos Federal, Estadual e Municipal, sob o BNH e com atuação das Cohabs), o encortiçamento foi desaparecendo. Já então prosperava no

⁷⁾ Sobre o assunto ver: RICCI, Maria Lúcia de Souza Rangel. "Os Bondes Uma Etapa de Modernidade em Campinas". In: *Notícia Bibliográfica e Histórica*. Campinas, 1997, ano XXIX, n° 164, p. 57/65.

centro da cidade o pequeno comércio informal e o aumento da violência urbana.

O estudo efetuado por Manuel Castells coube, infelizmente, muito bem à Campinas: *as cidades progridem se autodestruindo, em lugar de ir crescendo a partir de uma base de manutenção do que já existe*⁸.

Dessa maneira, prosseguindo com a análise do centro campineiro, observei, outrossim, que ele acabou por perder, ao longo do processo histórico, suas funções e referências simbólicas. Além disso, é importante notar que Campinas, no que tange às regiões centrais, foi *engolida* pelo tráfego através de avenidas e viadutos, além da presença de camelôs, prostitutas, travestis, mendigos, trombadinhas, desempregados... que passaram a utilizar aleatoriamente a cidade. O que é notório é que muitas vezes a *ressignificam* sob outros pontos de vista (por exemplo, a transformação dos baixos de alguns viadutos em verdadeiros *mocós*). Em verdade, o que ocorreu/e, é que no mesmo espaço urbano há a coexistência de uma multiplicidade de códigos e significados que acabam por estabelecer relações conflituosas entre os grupos sociais, uma vez que tais relações cruzam visões e práticas diferenciadas, e, por vezes, acarretam a fusão de padrões culturais distintos, como bem já nos demonstrou a análise da Massimo Canevacci ao se referir à cidade de São Paulo: *tudo é conjunto, justaposição, mistura... Todos convivem com poucos*⁹.

Pelo estudo que venho efetuando, acredito que a popularização do uso dos espaços urbanos, acrescidos de formas estratégicas de ocupação (ligadas à busca da sobrevivência) não foi apenas decorrente das transformações urbanas, mas sim, vivenciadas pela luta do cotidiano, onde novas referências de sociabilidade e interação foram recriadas, possibilitando articulação de um novo espaço público que, no geral, foi visto de forma negativa pelas classes sociais de maior poder aquisitivo.

⁸ CASTELLS, Manuel. "A intervenção administrativa nos grandes centros urbanos". In: *Espaço & Debates* n° 6, São Paulo, NERU, 1982, p. 64/75.

⁹ CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana* São Paulo, Studio Nobel, 1993, p. 196.

Nesse quadro de ocupações sociais do novo espaço, alguns recortes mais abrangentes podem ser efetuados: assim, só para exemplificar, algumas praças são agora locais da prática de relações de trabalho informal, imprimindo o uso social e estratégico voltado à luta do sobreviver. No momento, esse espaço público se encontra em estado de abandono. Se o olharmos, ainda que rapidamente, pelas principais praças e avenidas da região central de Campinas, o que encontramos? Monumentos depredados, pichações, depredações, falta de fiscalização do Poder Público, fazendo com que os grupos sociais permaneçam segregados, deixando transparecer discriminações/preconceitos vários, apesar da PMC estar, ao que parece, procurando recursos/parcerias para a revitalização do Centro. A indagação persiste, ainda, ao se pensar em alguns bairros periféricos, onde a problemática da saúde/higiene também é deficitária (só para lembrar, a epidemia da *dengue* vem atingindo não apenas o centro da cidade, bem assim, de maneira drástica, os bairros não assistidos). Como exemplo lembro a Praça Antônio Pompêo, área central da cidade, onde se localiza o monumento - túmulo do compositor e maestro Antônio Carlos Gomes, que bem retrata a situação: lixo de bares/restaurantes que circundam esse espaço é depositado em seu entorno desde antes das 19hs, sendo que a coleta do lixo é efetuada a partir da meia-noite! Enquanto isso... moscas, varejeiras, etc. convivem no espaço. Após a coleta do lixo resta a sujeira no calçamento, o mau cheiro e, vai por aí...

Menciono que tal local teria tudo para ser agradável; mas, o rastro de sujeira deixado ainda pelos que sobrevivem com a coleta de materiais recicláveis (papelão e alumínio) além da procura de alimentos é tamanho, que tais resíduos acabam por incomodar e afastar aqueles que poderiam freqüentar tal espaço.

No momento estou também analisando mais profundamente a questão da educação/cultura dos indivíduos que vivem na periferia, em meio ao lixo e ao esgoto e que freqüentam o centro urbano por múltiplas razões. Aí me indagar: não estariam eles se expressando quando freqüentam o centro de sua cidade? Não poderiam estar contando como sentem sua própria história?

Quer me parecer que a exclusão vivenciada na periferia acaba por se refletir no centro da urbe. Daí a necessidade *do espaço urbano ser cuidado como um todo e da educação dessa população ser urgentemente atendida*, a fim de que situações como essas possam ser revertidas.

Cumpra ainda dizer que o tráfego de pedestres, automóveis,ônibus e alternativos em Campinas acabaram criando *regras subterrâneas de posse nos mais diversos pontos da cidade*, verdadeiros códigos cambiantes, até mesmo invisíveis e que permitiram diferentes interpretações, levando, não raras vezes, à suposição da prática de violência, hostilidades múltiplas, preconceitos sociais e violência policial. O centro da cidade é hoje altamente segregado, sobretudo no que diz respeito as suas utilizações cotidianas.

A partir dos anos 1970 e mais intensamente nos 90, novos *centros especializados*, agenciados pelo capital privado (destaco, entre outros, os complexos empresariais, os condomínios fechados, os shoppings centers), trouxeram outras modificações à Campinas - fato que, outrossim, ocorreu em vários grandes centros urbanos do país - decorrente da aliança entre o capital imobiliário, comercial e financeiro - o que veio a propiciar o aumento do setor de serviços acabando por fortalecer seu pólo industrial e crescimento das classes médias assalariadas¹⁰.

Por outro lado, as transformações acarretaram também o aumento de áreas com graves problemas sociais - acentuando suas diferenças - onde urge o reordenamento de tais espaços, a promoção das relações entre grupos diferenciados, para que, aos poucos, possam estar sendo combinados com múltiplos outros processos sociais e estruturando uma nova paisagem urbana, tanto na esfera da moradia quanto na do trabalho, consumo e circulação.

No entanto, frente à combinação (?) entre riqueza e pobreza foi gerado um novo padrão urbano - o da segregação - sendo também recriados de forma intensa os preconceitos discriminações!...

⁽¹⁰⁾ Sobre o assunto é oportuno consultar, entre outros estudos, o de ROLNIK, Raquel *et alii*. *São Paulo: crise e mudança*. São Paulo, Brasiliense, 1991.

A segregação passou assim a ser uma constante ameaça ao espaço público que foi levado à deterioração, à incidência cada vez maior de crimes e a adoção de medidas privatizantes como uma tentativa de controlar/melhorar (?) tal situação. Esse quadro está abrindo brechas para que a própria noção de cidade seja reformulada de maneira, digamos, quando nada, dramática, até porque, só para lembrar, se não há ausência de políticas públicas em longo prazo, essas estão se mostrando pouco eficientes até o momento, favorecendo o crescimento de verdadeiras *ilhas encravadas no contexto urbano metropolitano que se apresentam, em grande parte, miseráveis, marginais e clandestinas*.

Em contrapartida, nos condomínios fechados campineiros e em outros tipos de habitação de moradores de alta renda, há todo um universo de práticas e representações que acabam por criar um espaço à parte na cidade, diferenciado e protegido da dinâmica metropolitana em seu conjunto onde é presente a seletividade social.

Há que se mencionar que nos dias atuais as trajetórias de segurança propostas em tais espaços alteraram ainda os hábitos de circulação e meios de vida relacionados ao uso cotidiano das ruas, praças e do transporte público. Dessa forma, está sendo criada toda uma *cultura da privatização do espaço, como verdadeiras cidades voltadas para seus interiores* o que vem ocasionando conseqüências sérias à dimensão pública da metrópole campineira.

Urge que estudos sejam rapidamente realizados e postos em prática a fim de que não haja maior dilapidação do espaço público e que a condição primeira inerente a todos do uso de suas ruas e praças seja efetivado para, então sim, a cidadania poder concretizar-se.

A atenção deve estar voltada à diferenciação centro/periferia (que agora deixa de explicar, como anteriormente, a separação entre classes sociais distintas), ao crescimento do setor terciário, a cada momento mais significativo, tendo como preocupação o fortalecimento da RMC¹¹ que deve ser entendida como um espaço importante para esta nova etapa a ser desempenhada pela cidade.

⁽¹¹⁾ RMC Região Metropolitana de Campinas.

Com isso estou dizendo que é a racionalização da vida urbana, com predominância da mobilidade, do fluxo e deslocamento, que embora estejam configurando contextos excludentes (aliás, típicos dos países emergentes) devam estar se sobrepondo às áreas urbanas marginalizadas ao longo do processo de modernização/metropolização (caso de Campinas) exposto ainda à miséria, ilegalidade e crescimento de redes informais, que acabam por propiciar/elevar os índices de criminalidade atualmente enfrentados, e onde não se observa adequadamente a interação entre os diversos grupos sociais que estão sendo diferenciados pela dinâmica urbana.

Daí enfatizar que apesar das dificuldades e, sobretudo por elas, se torna possível olhar a cidade como um caleidoscópio, cujos componentes, combinados de formas as mais diversas, possibilitam diferentes leituras e interpretações do fenômeno urbano, o que me faz reafirmar Le Goff¹² ao dizer: *não creio que a cidade perdeu seus atrativos: antes, deverá sempre conceber muitos encantos para sempre poder renovar sua sedução*. E é o que espero possa ocorrer com Campinas, até porque, por exemplo, o recorde histórico do número de homicídios, desde 2004, diminuindo sensivelmente; todavia, bairros tidos como tradicionais (Cambuí, entre outros) deixaram de o ser e seus antigos moradores estão cada vez mais passando a residir em áreas afastadas do Centro.

Finalizando, lembro ainda que a cidade está marcada por um grande contraste/segmentação, que é reforçado pelo alto número de favelas e ocupações, com a crescente desvalorização imobiliária do Centro e de alguns bairros (sobretudo os que se localizam ao Sul da cidade). A situação é caótica, pois, ainda cerca de 153.000 campineiros vivem hodiernamente em núcleos residenciais miseráveis (áreas de ocupação).

Desde a última década do século passado, a cidade reflete, pois, a segregação, alimentando a distância entre os mais diversos grupos sociais, permitindo, desta maneira, que a vida em comunidade, o conglomerado urbano, fiquem fragilizados. No entanto, não podemos esquecer que a cidade foi construída por tempos múltiplos e contraditórios,

(12) LE GOFF, Jacques. *Por Amor Às Cidades*. São Paulo, Edunesp, 1998, p. 153.

mas que mantém, para além de seus variados problemas estruturais, vitalidade, originalidade, diversidade e dinamismo, encantando e desencantando, uma vez que ao lado de sua beleza convivem inúmeras variações de seu caótico cotidiano.

Campinas é, assim, o retrato de sua gente e diria mesmo quase humana.

